

MEMÓRIA DOS BRASILEIROS



Saberes e Fazeres – O Guaraná de Maués

EXPLORAÇÕES DE LEITURA



Museu da Pessoa

Você está diante de um guaraná - essa fruta com cara de olho, que nasceu, - diz a lenda - da bondade dos olhos de um menino índio.

O gesto local de raspar o pão de guaraná na língua de pirarucu atravessa o gesto urbano cotidiano de tomar o refrigerante industrializado e instiga a razão, num tempo em que os valores da natureza pedem para existir em plenitude, a querer compreender os sentidos míticos e históricos desses fazeres e desses saberes.

Deleite-se, refresque-se, estimule-se, sinta a força e o gosto que transbordam da alma líquida e de seus mistérios.

E que nesse gesto você experimente, ainda, mais uma sensação: a de ser brasileiro. Afinal, a bebida diante de você foi elaborada de uma fruta genuinamente nossa, nascida, crescida e trazida do mundão da Amazônia.

O líquido à sua frente, revestido de um amarelo forte, é um convite à fantasia.

E você está, agora, diante de um livro sobre o guaraná.

O livro o convida a conhecer o guaraná que você bebe; o símbolo que o acompanha desde pequeno como marca de brasilidade e que combina o primitivo e o moderno, o natural e o industrial, o urbano e o silvestre; e a gente que cuida e vive dele.

Que esse livro é isso: uma história de gentes. Gente da terra gente que se fez nessa terra e que lá e por lá lutou.

O guaraná de que trata esse livro é já matéria humana. E, por isso, se mostra pelas falas entrecruzadas de muitos personagens que fazem a história de um lugar - Maués - em que as histórias se fazem em torno dos *fazeres e saberes do guaraná*:

“Os 23 personagens, cujas narrativas contam esta história, são homens e mulheres que vivem ou se relacionam com a cultura do guaraná em suas mais diversas manifestações: do cultivo tradicional ao processo de clonagem; dos relatos da antiga maués misturados ao imaginário de uma cidade moderna; das lendas e usos do produto como bebida, remédio, artesanato.”

A força desse livro nasce da força dos guaranazeiros - em ambas as acepções da palavra: fruta e fruticultor. As histórias, os fatos, as imagens fazem desabrochar diante do leitor um universo de sonhos, interesses, valores, tradições, vidas.

As explorações didáticas que aqui se apresentam querem ser um contribuição para uma leitura que, nascida dessa força, multiplique-se em possibilidades, em indagações, prazeres e aprendizagens. São mais um convite - o terceiro que você recebe nessa aventura.

I. Primeiras explorações

Diante do livro, começam as provocações que ele nos faz. Como é que se propõe a nós? Que intenções, veladas ou declaradas, fazem esse jogo de vida. À porta de uma nova possibilidade de conhecimento e de vivência, somos ainda frágeis seres. Nossos saberes servirão para conhecer esse mundo? Teremos a paciência de nos deixar conduzir para lugares em que nunca penetramos?

Porque desejamos conhecê-los, tomamos a embarcação (admire-a nas páginas 44 e 45). É hora de sorver um pouco de guaraná. Aos poucos, como manda o costume.

1. Há muitas maneiras de fazer e contar uma história - a História é sempre mais que qualquer recorte histórico.

Na capa do livro, em letras brancas destacadas em uma caixa de texto de fundo verde-escuro aparece: “Memórias dos brasileiros”. Lendo a apresentação redigida pelos editores (página 7), você encontra a perspectiva que se adota na elaboração desse documento.

Que perspectiva é essa e em que ela se distingue de outras formas de fazer história?

2. A forma como um livro se apresenta traz em si a decisão de certas estratégias de leitura. Mais do que simplesmente organizar o material a distribuição gráfica, as cores, as ilustrações e a disposição dos textos criam protocolos ou roteiros de leitura.

Examinando a materialidade desse livro, ainda numa primeira exploração, o leitor pode perceber a intenção quase obsessiva de seus elaboradores em criar contrastes, conflitos.

Quais seriam os contrastes ou conflitos mais evidentes e qual teria sido a intenção e motivação dos editores em criá-los?

3. Folheando o livro apenas para senti-lo, viando as páginas ainda sem compromisso de leitura, nós nos deparamos com as muitas faces dos personagens narradores - os fazedores / contadores de história.

Assim, sem maior conhecimento, apenas atentando para os fotos e suas legendas, estas imagens nos dizem pouco. Mas chama a atenção a variedade étnica, cultura e de idade dos narradores. Curiosos, passamos a ler a breve notícia de cada um que se oferece na página 88 e nas seguintes.

Como explicar, numa primeira tentativa, ainda sem ter avançado a leitura e a análise do livro, essa diversidade de gente na construção dessa história dos saberes e fazeres do guaraná?

4. Nesse folhear exploratório de “O Guaraná de Maués”, chama nossa atenção a foto de página inteira que apresenta um casal de velhos à janela de uma casa de taipa. Desviando os olhos preguiçosamente para o boxe na página ao lado, vemos que “primeiro vieram os índios e depois s caboclos”.

Caboclo, mameluco, cafuzo... São expressões da língua comum que, sem rigor científico, identificam mesclas, mestiçagens que se fizeram na história, em função das diferentes etnias que compuseram a nação brasileira.

Faça uma breve pesquisa enciclopédica sobre essas denominações de tipos humanos (e outras que lhe vierem à cabeça) e busque examinar o que significaram na constituição da gente da região de Maués.

5. Já no título desse livro aparece a indicação de Maués. A maioria dos brasileiros pouco sabe desse lugar. Pela leitura que fizemos da apresentação, somos informados que a escolha dessa cidade como centro da atenção da história com que interagimos agora se deu porque, segundo os editores do livro, “ela é síntese da cultura do guaraná. Lá podemos encontrar o uso de técnicas tradicionais de produção, herança dos pioneiros indígenas sateré-mawé, convivendo com alguns dos mais sofisticados métodos de cultura”.

Em que lugar exato da Amazônia brasileira se localiza Maués? Que rios a banham? Como é a vegetação, a topografia, a hidrografia local? Como se faz para chegar a esse lugar? Como ele se constituiu? Saber as respostas a essas perguntas é uma forma de preparar-se para ingressar na história e poder conhecê-la, não como uma simples ficção ou projeção de imagens vagas do senso comum, mas como um lugar histórico em que habitam pessoas reais.

6. A toda hora ouvimos coisas sobre a Amazônia. Coisas ruins: desmatamento, queimada, invasão de reservas indígenas, contrabando de plantas e animais. E coisas bonitas: imensidão de águas, matas exuberantes, lutas de resistência, cultura nativa. A Amazônia é lugar de muitos olhares, interesses e notícias.

Que interesses de ordem política e econômica movem as disputas e lutas nesse território?

7. Há sempre muitas maneiras de ler um livro. Mais comumente, seguimos a ordem estabelecida pelo editor e avançamos, comportadamente, página a página. Outras vezes, preferimos sair dessa senda e pular trechos, antecipar o final, inverter a ordem estabelecida dos argumentos. Às vezes usamos o sumário para ter uma idéia do conteúdo e de sua organização e, em função disso, podemos nos fixar apenas nas partes que mais aguçam nosso interesse.

Na interlocução que vimos fazendo até aqui, não tivemos nenhuma preocupação com a seqüência da leitura. Na verdade, sequer nos decidimos pela leitura completa. Curiosos, pedíamos para se atraídos pela obra, pelo que ela tem a nos dizer e mostrar. E nesse primeiro contato, verificamos que nosso amigo se propõe a ser conhecido de muitas formas e que, de forma nenhuma, exige que façamos a leitura de modo convencional.

Que aspectos da forma como esse livro se organiza permitem concluir que a leitura pode iniciar em qualquer parte e seguir qualquer caminho?

II. Embrenhando na história

Virando as páginas iniciais, uma surpresa: o verde as que dominava é, repentinamente, contrastado por um amarelo-ocre (página 11). Há um texto para ser lido aí, mas nossa atenção migra para a foto da página ao lado e deparamo-nos com frutas vermelhas e amarelas, no meio das quais olhos negros nos vigiam desconfiados. Movemo-nos, assustados. Pulamos umas tantas páginas, querendo aprofundar nossa percepção desse terreno. Outra mudança brusca na paisagem nos faz parar. Agora (página 29), predomina o tom ocre e os frutos vermelho-amarelos e os olhos remelentos tornam-se castanhas marrons, aparentemente duras, secas, contidas em um tacho.

Então, é assim que prendem o gosto da fruta. Como é essa cultura, o cultivo? E como se será, finalmente, que ele - o guaraná que tomamos - se apresenta pronto para o uso? Haverá mais de uma forma?

Para ter essas respostas, será preciso avançar. Decididos a continuar a aventura que nos propõem nossos já amigos, adentramos em seu território.

8. São muitas as faces do guaraná. Façamos um percurso de leitura pelo livro, fixando-nos apenas nas imagens. Elas nos apresentam os personagens, a paisagem e, claro, o guaraná, de muitas formas.

Selecione, dentre as imagens do livro, aquelas que podem contribuir para que façamos o trajeto da planta, da fruta, de seu processamento formas de apresentação e usos, criando uma frase explicativa para cada etapa (para fazer isso, indique a página em que a foto se apresenta e escreva ao lado um pequeno texto).

9. A percepção construída com a exploração das imagens se aprofunda quando da leitura dos depoimentos que compõem o livro. Por ela, aprendemos, sobre as origens da planta nas culturas maués e brasileira, sobre as formas de cultivo e de processamento do guaraná, sobre seus usos e formas de comercialização.

Com base nas informações disponíveis no livro (em especial as que constam das páginas 36 e 37) e de outras que você recolha de outras fontes, preencha o quadro:

Caracterização técnica da fruta	
Formas de plantio	
Tempo de maturação da planta para começar a dar fruto	
Tempo entre a floração e a colheita	
Período da colheita	
Formas de apresentação para consumo	
Processo de cultivo	
Etapas de elaboração o produto	

10. Os índios sateré-mawé são tratados como os “filhos do guaraná”. Esse, aliás, é o título do texto das páginas 12 e 13, que complementa as informações da página 11, abrindo o capítulo “A herança”.

- Qual o vínculo que há entre estes índios e o guaraná para que eles sejam assim reconhecidos?
- Leia o depoimento da antropóloga Sônia da Silva Lorenz, nas páginas 15 e 16, e em seguida, comente sobre o sentido e o uso do guaraná pelos sateré-mawé e pelos brancos.

11. Segundo o relato da antropóloga Sônia Lorenz, “cada vez que você toma çapó, você está comungando com sua origem” (página 16). Não se pode, assim, equipará-lo ao uso dessa bebida no mundo ocidental.

- Explique por que essa afirmação só faz sentido para os índios sateré-mawé.
- Como se faz, na cultura sateré-mawé, o consumo da çapó e que importância isso tem na sociabilidade e nos costumes desse povo?

- Que razões justificam o interesse da cultura branca pelo guaraná?
- De que modo pode-se aplicar o mesmo raciocínio para a erva-mate e a coca? (Para trabalhar sobre essa questão, procure localizar as origens e usos dessas plantas).

12. Na cultura de Maués, sem falar da gente de outros lugares, o guaraná é consumido de várias maneiras, como podemos verificar pelo que nos dizem os contadores cujas vozes povoam esse livro. Ele é compreendido como alimento, remédio, fortificante, estimulante...

- Enumere algumas das formas como se toma o guaraná em Maués (Para fazer essa lista, você pode apoiar-se nos vários depoimentos ao longo livro e nos boxes das páginas 76, 79 e 80).
- Transcreva trechos dos depoimentos em que fique evidente o uso do guaraná como remédio e/ou fortificante.
- Indique qual seria (ou é) a forma de beber o guaraná de sua preferência, explicando por quê.

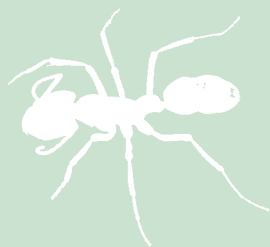
13. Além do guaraná, outras bebidas bastante difundidas na Amazônia são o açai e o tacacá.

- O que são esses alimentos e como são consumidos?
- Que semelhanças e diferenças podemos encontrar entre o consumo deles e o do guaraná?

14. Desviando a atenção da senda principal por que seguimos a leitura, captamos (oferecem-nos) nas margens outras informações sobre valores e costumes dos sateré-mawé: çapó, Porantim, Tocandira.

- Leia os boxes nas páginas 12, 22 e 23 e, em seguida, explique o que é cada uma desses elementos e sua importância para a vida e para a constituição do povo sateré-mawé.
- Instigados com o que informam os editores sobre esses aspectos culturais dos sateré-mawé, ficamos com o gosto de querer mais. Faça uma pesquisa em enciclopédias, livros ou na internet para buscar mais informações sobre eles. (Cuide sempre de verificar a legitimidade da fonte pesquisada e não se esqueça de informá-la).

15. Seguindo a expedição às terras do guaraná, lemos como título do texto da página 20 a expressão: *lenda x mito*. Esticando livremente o pensamento, lembramos de outras palavras como *costume, tradição, folclore*, as quais também aparecerão no desenrolar da leitura do livro.
- Qual o significado de cada um desses cinco termos? O que os aproxima e o que os diferencia? (Para fazer essa reflexão, lance mão do auxílio de um bom dicionário)
 - Que sentido tem sua presença nesse estudo?
 - Por que os editores nos apresentam lenda e mito em relação de oposição?
16. O mito do guaraná vincula-se ao surgimento do povo sateré-mawé. Foi debaixo do guaranazeiro que brotou do olho de um menino que nasceu o primeiro membro dessa tribo. Na cosmogonia indígena, os mitos têm um importante papel no surgimento das coisas e dos seres.
- Faça uma pesquisa bibliográfica e busque outros mitos que, assim com o do guaraná, tenham por função a explicação de um “acontecimento universal” (por exemplo: a origem do sol).
 - Qual a diferença principal entre essa forma de perceber a materialização das coisas e a que realiza a ciência moderna?
17. Uma personagem bastante presente no folclore local é *Anselmo*, o jovem e belo pescador que, conforme se diz, transformou-se em cobra. E nem pensar que ele seja apenas uma lenda: muita gente já o viu ou esteve com ele. Paula de Souza Viana, professora, conta que sua avó “teve o prazer de conhecê-lo”; uma filha de Maria Mazará, guaranazeira, “falou com o Anselmo” (página 85)
- Leia as passagens da página 85 e crie uma história em que você conhece o Anselmo.
 - Faça uma pesquisa sobre esse personagem e de outros semelhantes que vivem na Amazônia (por exemplo, a boto Tucuxi).
 - Comente sobre o sentido e a importância dessas lendas na cultura e na vida local.



18. A história das comunidades amazônicas é marcada pela constante imigração de grupos humanos atraídos por novas oportunidades de vida. No caso de maués, vamos descobrindo à medida que avançamos na leitura dos depoimentos, que isso é uma constante.
- Identifique, nos depoimentos, referências a esses processos migratórios; em seguida, usando essas informações e outras que você pesquise, localize cada um dos grupos abaixo relacionados à história de Maués e a forma como cada um se posiciona nela:
 - Índios Sateré-mawé
 - Portugueses
 - Caboclos
 - Cuiabanos
 - Italianos
 - Japoneses
 - Ainda com base nas histórias que nos contam os narradores, diga quais foram as transformações na cultura dos sateré-mawé e em sua forma de viver advindas das relações estabelecidas com os brancos?
19. Para a gente de Maués, especialmente para os mais antigos, o guaraná é mais que uma forma de sustento. O senhor Luiz Ferreira das Neves nos diz que, “para ter um guaraná de primeira qualidade, é preciso muita fé em Deus e também cuidado”.
- Transcreva dos vários depoimentos outras afirmações que demonstrem o vínculo simbólico que esses agricultores mantêm com a planta.
 - Como você analisa essa forma de relacionar-se com o guaraná?

III. Modernidade x tradição

Seguindo as pistas que aparecem em nossa leitura, agora um pouco mais ambientados com o lugar e sua gente, somos novamente surpreendidos por uma imagem inesperada (página 56): que lugar é esse em que surge, por trás de uma tela, um ser estranho, com um enorme focinho, mãos azuis, uma delas segurando um estranho instrumento? Parece que saímos do mundo encantado da mata verde e nos encontramos em outra terra, futurista. Se já tínhamos em nossas explorações passado por essa foto, não houve tempo de reparar em seu sentido.

Mas, não. É ainda o mesmo lugar. Pelo menos se nos fixamos na foto ao lado, em que identificamos o homem que supúnhamos estar nesse lugar: a face maçada pela vida rude, a pele crestada de sol, a imensidão das águas fazendo-lhe fundo.

E guiados por nossos anfitriões narradores, descobrimos nessa terra mítica a presença da modernidade e os conflitos e contrastes do cultivo do guaraná.

20. O guaranzeiro José Francisco Marques conta que já no final do século XIX indivíduos que não eram índios plantavam guaraná, mas em pequena escala (página 65). Durante o século XX, o interesse pela fruta foi crescendo sempre.

Sabemos que a História é feita de movimento, de gestos humanos, e não de datas. Isso não quer dizer que não possamos atentar para elas, já que podem funcionar como índices indicativos de momentos históricos. Nos depoimentos daqueles que participaram desse processo de mudança há a indicação de várias datas.

Faça uma linha do tempo, iniciando no final do século XIX e vindo até hoje, indicando as datas apontadas nos depoimentos e associando a elas o acontecimento referido.

21. A Fazenda Santa Helena, de propriedade da Ambev, é um grande viveiro de mudas e um laboratório de estudos da cultura do guaraná, além de prover 30% da necessidade da AmBev (informação de Hênio Nalini Júnior - p. 51).

a) Quais as razões que levaram a Antártica a se instalar na região no final dos anos 50?

b) Qual é o principal produto final que se faz nesta fazenda?

c) Como a empresa supre o restante de sua necessidade para a produção de refrigerante?

d) Em que a presença de uma grande empresa de bebidas modificou o cenário da região?

22. Com a finalidade de aumentar a produtividade do guaraná, foram desenvolvidas novas técnicas de seleção, plantio e manejo das plantas. Ao lado do guaranzeiro “nativo”, recolhido no mato, passou-se a usar o guaraná “clonado”, o qual seria mais resistente a doenças e de produção mais rápida e intensa.

a) O que vem a ser o “guaraná clonado”?

b) Explique, na forma de um esquema, as diferenças na seleção e no cultivo das duas formas de guaraná.

c) Reproduza os argumentos dos cultivadores de guaraná tradicional para manter sua maneira de trabalho.

d) Quais as principais queixas desses cultivadores quanto às dificuldades no plantio do guaraná.

23. Orlando de Araújo e Víctor Nogueira pode ser considerados dois pioneiros no desenvolvimento da produção de guaraná com técnicas modernas e em larga escala. O primeiro foi o diretor da Antártica responsável pelo estabelecimento dessa empresa na região; o segundo trabalhou em órgão públicos no desenvolvimento de novas técnicas de reprodução e cultivo da planta (da página 50 à 55)

a) Qual o papel desses profissionais nas mudanças no cultivo e na exploração do guaraná na região durante a segunda metade do século XX?

b) Seguindo seus depoimentos, poderíamos depreender que as inovações introduzidas na produção do guaraná são positivas. Por quê?

c) Quais os motivos que levam o comerciante Waldo Monteiro (o Barrô) a posicionar-se contra o guaraná clonado e outras inovações? (veja boxe da página 54)

24. Para poder sobreviver e ajustar-se à realidade da produção de larga escala, os pequenos agricultores trabalham com produtos alternativos. Uma possibilidade é exatamente a de oferecer um guaraná orgânico.
- O que vem a ser um “produto orgânico” e quais as exigências para sua produção? Exemplifique com a cultura do guaraná.
 - Quais as vantagens que o produto orgânico oferece em relação ao produto convencional?
 - Silvio Proença da Silva afirma que, para garantir a qualidade de seu produto, “só compra guaraná certificado” (página 82). O que vem a ser essa certificação e que tipo de instituição a faz?
 - Por que, normalmente, os produtos orgânicos são mais difíceis de encontrar e mais caros?
25. Outra ação muito significativa para a sobrevivência dos pequenos agricultores e sua organização em cooperativas e comunidades.
- Quais a importância de os pequenos agricultores se organizarem em comunidades e cooperativas?
 - Que ações dos poderes públicos esses agricultores consideram necessárias para sua sobrevivência e seu desenvolvimento?
 - Leia o que nos narra o pedagogo e guaranazeiro da comunidade de Santa Cruz para conseguir energia suficiente. Como você avalia esse episódio?
26. Maués cresceu com o guaraná, modificou-se, ampliou os serviços, o comércio. Mas é preciso cuidar para que não se veja aí um fenômeno isolado. Oriximiná, por exemplo, uma cidade do oeste do Pará, às margens do Rio Trombetas, cresceu muito no mesmo período, em função da exploração da Bauxita. Em Itaituba, às margens do Tocantins, o principal fator de mudança foi o ouro, que modificou bruscamente a vida e a paisagem local nos anos de 1980.
- Faça uma pesquisa mais detalhada sobre esse processo de desenvolvimento econômico e urbano da Amazônia e aponte os ganhos e os problemas conseqüentes desse processo.
 - Transcreva dos depoimentos que constam do livro Saberes e Fazeres - O Guaraná de Maués, trechos que evidenciem algumas das transformações mais significativas para a vida nessa cidade.

27. O agricultor Raimundo Rodrigues de Souza nos conta que “antes a festa mais animada de Maués era a do Divino Espírito Santo”. Atualmente, o grande acontecimento da cidade é a Festa do Guaraná, realizada no final de novembro e atraindo 50 mil turistas. Apesar de haver poucas informações sobre a Festa do Divino Espírito Santo, podemos imaginar, até mesmo pela foto da página 76, que há diferenças expressivas nos modelos de cada uma das festas.
- Aponte algumas das diferenças mais significativas entre essas duas festas.
 - Analise o sentido cultural e social dessa mudança.
28. A demanda externa por “produtos da terra” estimula o desenvolvimento de atividades paralelas ao cultivo do guaraná em larga escala, o que produz novas relações de identidade e de representação da cultura local. É o caso do Kit Viagrão e do Kit Rústicos, criados por Barrô, bem como do Guaraná Turbinado, de Sílvio Proença da Silva. E é também o que ocorre com a produção de um artesanato de guaraná realizada pelo artesão Naílson de Oliveira Macedo.
- O que há de nativo nesses produtos que justificaria sua marca local?
 - O que neles surge como incorporação de elementos característicos da sociedade de consumo?
 - Quais os efeitos desse movimento para a representação da identidade local?
29. No começo dos anos de 1980, a empresa petrolífera francesa Elf Aquitaine iniciou um trabalho de prospecção de petróleo na região de Maués. Leia os depoimentos da antropóloga Sônia Lorenz e do advogado Dalmo de Abreu Dallari e, em seguida, responda:
- De que modo essa “atividade econômica” interferiu na vida local, em especial na dos índios sateré-mawé?
 - Como agiu o movimento de resistência a essa invasão e que resultado alcançou?
 - O que faz com que um branco se torne um sateré-mawé?

IV. Diálogos e indagações

Nossa viagem pela terra do guaraná permitiu que conhecêssemos outras gentes e, por aqui assim aprendemos, que nos conhecêssemos melhor. Agora o guaraná se apresenta com alma, e não simplesmente como um frescor. E por que sabemos da vida que se faz em toda parte, ficamos com mais vontades. E a vontade maior é de dialogar, de avançar a reflexão sobre assuntos que já não são de alguns poucos, mas que dizem respeito a todo o mundo.

Então, tomando as palavras de narradores, seguimos com outras questões.

30. A antropóloga Sônia Lorenz conta que viveu cinco anos com os sateré-mawé.

Diz ela: “Nesse período, aprendi mais do que no tempo em que estive nas Ciências Sociais, na Antropologia, na Arquitetura” (página 15).

- Que diferenças podemos identificar entre os conhecimentos que circulam na universidade e o dos sateré-mawé (ou de outros grupos cuja forma de vida não se faz com base nos valores ocidentais)?
- Que aprendizados ela teria tido com essa experiência para fazer a afirmação que fez?
- É possível pensar uma relação dialógica entre a cultura ocidental e as culturas indígenas? Como? O que cada uma poderia crescer com esse diálogo?

31. O índio sateré-mawé Samuel Lopes chama a atenção para o preconceito.

Diz ele: “Quando os sateré vêm para a cidade de Maués, eles sofrem muito preconceito, porque não conhecem ninguém, não conhecem seus direitos, não sabem que podem até abrir um processo contra quem os discrimina” (página 21).

- Que afirmações preconceituosas se fazem contra os índios?
- Quais os motivos sociais e históricos que estão na raiz do preconceito?
- De que forma os índios (e também os negros) têm agido para combater o preconceito e a discriminação?

32. O comerciante Geraldo Monteiro, ao narrar um episódio de sua adolescência no tempo da cheia, explicita um aspecto bastante significativo do modo de ser da gente da Amazônia (página 68). Em certo momento, quase se justificando, ele diz que naquela época “não se tinha consciência ecológica”.

- Em que a ação por ele narrada seria, nos tempos atuais, um exemplo de falta de consciência ecológica?
- Que transformações na vida da Amazônia tornam tão importantes as políticas e a educação de preservação ambiental?
- Por que muitos dos avanços econômicos podem ser considerados nocivos ao ambiente?
- Como combinar desenvolvimento social, econômico e humano com preservação ambiental?

(Para refletir sobre essas questões, seria interessante que você fizesse alguma pesquisa sobre consciência ecológica e sobre desenvolvimento sustentável)

33. Barrô é um comerciante em Maués. Mas é também alguém que, buscando tornar maior a identidade local, mantém um museu na cidade. São palavras suas: “Em 1999, resolvi montar um museu, porque as pessoas chegavam querendo informações sobre a cidade e não encontravam. A entrada é franca e é aberto no horário comercial” (página 43).

- Qual a importância, para uma cultura, da existência de aparelhos públicos que contribuam para a identidade local?
- O acervo do museu organizado por Barrô tem artesanato e peças arqueológicas colhidas na região. Não é um museu do guaraná nem um museu dos sateré-mawé. Como seria, na sua opinião, um “museu do guaraná”? E um museu sateré-mawé? Que coisas ele deveria ter e que políticas sociais poderiam ser realizadas para o seu sucesso?

34. A professora Paula de Souza Vianna mostra-se bastante ciosa da importância de a educação escolar contribuir para a manutenção dos valores e da identidade cultural local. Ela reconhece que “muitos jovens não sabem mais contar as lendas da região” e por isso, “a gente tenta desvendar a cultura para que essas crianças e adolescentes possam conhecer melhor suas origens” (página 43)

a) Que mudanças na organização social da cidade estariam produzindo esse “esquecimento”?

b) Qual é o risco de “folclorizar” o ensino das tradições?

c) Na sua opinião, que tipo de enfoque deve ser dado aos objetos da cultura local, pela educação escolar, para que haja um ganho de consciência e identidade?

35. O artesão Naílson de Oliveira Macedo mostra muito orgulho de seu trabalho. Considera-o uma tradição de família e diz: “Gostaria que meus filhos soubessem trabalhar no artesanato. Eu ia ter orgulho de ouvir eles dizerem que aprenderam com o pai” (página 78)

a) Releia o relato de Naílson e, observando sua aprendizagem, diga como ele produziu uma identidade própria.

b) Em que medida o artesanato de Naílson (e de outros artesãos) contribui para o fortalecimento da cultura local?

c) Qual a diferença entre arte e artesanato?

36. Homero Ribeiro e seu filho José Augusto expressam, por suas maneiras de perceber o cultivo do guaraná, tempos distintos e diferentes expectativas de participação social.

a) Identifique, pela leitura do diálogo construído pelos editores com seus depoimentos, a compreensão que cada um tem da cultura do guaraná.

b) Se você estivesse dialogando com esses agricultores, que perguntas gostaria de lhes fazer? (não se preocupe as respostas, de algum modo elas virão com o tempo.)

c) A situação vivida por pai e filho pode ser entendida como a evidência de transformações inevitáveis? Se sim, como a identidade local poderia ser mantida?

37. Comenta a antropóloga Sônia Lorenz: “A grande mudança mesmo para essa comunidade [dos sateré-mawé] foi a ocupação da Amazônia, que aconteceu na década de 80, e o estabelecimento da sociedade de consumo nas cidades próximas” (página 16)

Como se posicionar diante do avanço da sociedade de consumo sobre as regiões mais remotas do globo?

38. Samuel Lopes, ao explicar seu movimento de ir morar na cidade, explica: “Mas eu vim mesmo à procura de melhores condições de educação para meus filhos, dar a eles a oportunidade que não tive” (página 22)

Não há pessoa em sua consciência que possa recriminar a atitude de Samuel e seu intento de dar algo de bom para seus filhos. Mas cabe perguntar se é possível construir uma alternativa social pela qual as pessoas, para melhorarem de vida, não tenham que deixar seu lugar de origem.

Como você vê esse problema e que possíveis soluções efetivas vislumbra para ele?

39. Barrô, já sabemos tem uma grande preocupação com a manutenção da identidade e da autonomia de Maués e do cultivo do guaraná na região. Ao fazer a defesa dessa cultura, ele afirma o seguinte: “Acho que ninguém tem nada a aprender com quem vem de fora. Ao contrário, as pessoas que vêm de fora é que têm que aprender” (página 54).

Como você vê a tensão entre a inovação e a manutenção dos modos de produção tradicionais?

40. Conforme relata Orlando de Araújo, “nós [a Antarctica] abastecemos os produtores com as mudas de maior produtividade e orientamos sobre metas, limpeza do terreno, poda por baixo. O fomento foi o único meio que nós encontramos para melhorar a produtividade da região”.

Não há dúvida de que a AmBev teve nas últimas décadas e ainda tem uma importância muito significativa para Maués. Ela mantém a Fazenda Santa Helena e é a grande compradora do guaraná produzido na região, distribuindo mudas e estimulando inovações no modo de produção.

a) Que sugestões para o desenvolvimento sustentável da região você daria a essa empresa?

b) Se você fosse o prefeito(a) da cidade, que ações promoveria para apoiar os pequenos produtores e a cultura local?

V. Outras histórias

Um rio tem em suas margens outras possibilidades além daquela que o faz ser rio. Também a História, qualquer que seja o modo como a percebemos, tem muitas outras histórias margeando-a, ampliando-a, ressignificando-a.

Em nossa história de ler *O Guaraná de Maués*, nós nos deparamos com pequenos detalhes, fatos talvez insignificantes para o fluxo dos acontecimentos que interessariam à crônica da região e de seu produto. Mas são sempre novas miradas, outras experiências, marcas que sutilmente ficam na vida da gente.

Até aqui absorvidos pelos movimentos que compõem o eixo do enredo que vínhamos desvendando (já que a história apresentada, como descobrimos deste logo, se propôs de modo fragmentário), pouco descuidamos das margens, dos pequenos recantos em que poderíamos ter parado a qualquer instante.

Pois, então, não nos saquemos o prazer do detalhe, da sutileza, das pequenas situações de magia que nos permitem - mais ainda: nos incitam - a invenção e a divagação.

41. Será mesmo que Dalmo Dallari tem ara de índio? Flagrado em sua biblioteca, cercado de livros vetustos ele nos mira, como um taxua.

Como terá sido para esse senhor branco, urbano, erudito, o contato com a vida tão distinta dos índios? Escreva sua idéia, imaginando-se no lugar do jurista.

42. O regatão... Esse comerciante polêmico, agora já em extinção, em virtude do crescimento econômico que amplia a oferta de produtos e reduz distâncias. Davi Gonçalves Peroni Filho (página 40) conta que trabalhou por algum tempo como regatão. Ia de barco às comunidades ribeirinhas, levava mercadorias e comprava produção local.

A foto das páginas 24 e 25 sugere que as pequenas embarcações atracadas na beira do rio sejam de regatões. Tome uma delas e imagine como era vida desse sujeito no tempo em que regateava.

43. Reinaldo Teixeira a Silva é marujo. Trabalha em um barco grande que faz o percurso Manaus - Maués. Ele conta uma história interessante - o encontro entre o comandante do barco com uma menina lavando roupa na beirada do rio.

Sem sermos indiscretos, flutuamos nessa história e nos indagamos como terá sido o diálogo entre os dois. Você poderia escrever uma possível versão de como foi esse diálogo?

44. Quando início seu trabalho em Maués Orlando de Araújo viveu, segundo sugere seu depoimento, o que parece ter sido uma grande aventura.

Tomando as informações que ele nos oferece, conte essa viagem em primeira pessoa, como se você fosse aquele que estava lá.

45. Debaixo de um galpão, em que se visualizam mudas de guaraná, o guaranazeiro e pedagogo Carlos Sarquis, nos oferece um sorriso satisfeito, amplo e forte. (página 62) Ele demonstra auto-estima e confiança e afirma que trabalha com o cultivo do guaraná por que gosta.

Imagine-se um repórter realizando um documentário sobre a comunidade de Vera Cruz. Para isso, você entrevista o pedagogo. Escreva as perguntas e monte as respostas com fragmentos do depoimento desse narrador.

46. O olhar circunspecto de Rubens Dias do Santos, secretário da prefeitura de Maués, não parece combinar com o apelido de outros tempos - bigode de ouro. Seu conhecimento sobre o guaraná foi adquirido na lida com o fruto, já que ele não cursou além do 2º ano primário. Mas era grande o bastante para que ele passasse por agrônomo do Amazonas, quando apresentou, para 22 agrônomos japoneses, o processo e as técnicas de cultivo do guaraná.

A partir do que narra Rubens, escreva como pode ter sido esse encontro.

46. O marujo Reinaldo Teixeira da Silva conta ainda outra história curiosa: a do bancário novato na região que foi tomar guaraná, errou na dose e passou mal (página 79). O homem foi até para o hospital.

Como quem conta um conto aumenta um ponto, narre novamente essa história, na forma de anedota. Para isso, use as informações dos dois boxes que compõem a página 79.

Todo fim é um começo

Aqui termina a leitura desse livro, mas termina sem terminar. É que sempre poderemos voltar a ele, mergulhar em qualquer de suas águas, seguir outros rumos, ou, então, trazê-lo na mente, recuperar de memória imagens e palavras. Assim é que o que vivemos e aprendemos prevalece em nossa vida.

Para levar a história adiante, escreva uma breve resenha do livro, destacando o modo como ele se apresenta, seus aspectos mais valorosos e interessantes, suas possibilidades de leitura.

Ficha Técnica

MUSEU DA PESSOA

Diretoria

José Santos Matos
Karen Worcman
Márcia Ruiz

Grupo Gestor

Cláudia Fonseca
Erick S. Krulikowski
Rosali Henriques
Sônia London

Programa de Formação

Sonia London (coordenação)
Márcia Trezza
Simone Alcântara
Tereza Ruiz (produção)

Produção de conteúdo

Luiz Percival Britto

Coordenação

Márcia Trezza

Produção gráfica

GFK Comunicação

Revisão de texto

Silvia Balderana

Imagens cedidas por Fonte Design/Patricia Gimeno (é isso???)

Contato:

Museu da Pessoa – Programa de Formação
Rua Natingui, 1100
Vila Madalena – São Paulo – SP
Tels.: (11) 2144-7150
E-mail: museu@museudapessoa.net
Site: www.museudapessoa.net

PATROCÍNIO

AmBev

